

Em Angola, a violência baseada no género é vista como principal desafio aos direitos das mulheres

Afrobarometer Edição No. 586 | Cecília Kitombe e Carlos Pacatolo

Sumário

A violência baseada no género (VBG) ameaça a saúde, o bem-estar e a vida das mulheres em toda a sociedade angolana. A mais recente Pesquisa de Indicadores Múltiplos e de Saúde relata que 32% das mulheres angolanas sofreram violência física desde os 15 anos de idade; 8% serão vítimas de violência sexual em algum momento de suas vidas; e 34% foram vítimas de violência física ou sexual perpetrada por seus maridos ou parceiros (Instituto Nacional de Estatística (2017).

O governo angolano ratificou as convenções e instrumentos internacionais de combate à VBG, incluindo a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra as Mulheres (Nações Unidas, 1979) e o Protocolo de Maputo (União Africana, 2003), e as leis do país contra a violência doméstica e a Política Nacional de Igualdade e Equidade de Género procuram proteger as mulheres contra a violência.

Mas, apesar desses instrumentos normativos e legais, ainda existem grandes desafios no combate à VBG, tanto na valorização da sociedade sobre a necessidade de combatê-la quanto no compromisso do governo com ações decisivas para a sua eliminação. No seu discurso sobre o Estado da Nação em outubro de 2022, o Presidente João Lourenço (2022) pediu penas mais severas para reduzir a violência doméstica no país.

Este dispatch relata um módulo especial de pesquisa incluído no inquérito da 9ª ronda do Afrobarometer (2021/2022) para explorar as experiências e percepções dos africanos sobre a violência de género.

Os Angolanos consideram a violência de género a questão mais importante dos direitos das mulheres que o governo e a sociedade devem abordar. A maioria dos cidadãos diz que a VBG é uma realidade comum nas suas comunidades e deve ser tratada como uma questão criminal, e não como um assunto privado a ser resolvido dentro da família. Os cidadãos expressam confiança de que a polícia leva a sério os casos relatados de VBG.

Pesquisas do Afrobarometer

Afrobarometer é uma rede de pesquisa pan-africana e apartidária, que fornece dados confiáveis sobre experiências africanas e avaliações de democracia, governança e qualidade de vida. Oito rondas de pesquisas foram concluídas em 39 países desde 1999. As pesquisas da Ronda 9 (2021/2022) estão em andamento. O Afrobarometer realiza entrevistas face-a-face na língua da escolha do entrevistado, com uma amostra nacional representativa.

A equipa do Afrobarometer em Angola, liderada pela Ovulongwa – Estudos de Opinião Pública, entrevistou 1.200 Angolanos adultos, entre 9 de Fevereiro e 8 de Março de 2022. Uma amostra deste tamanho produz resultados nacionais com uma margem de erro de

+/- 3 pontos percentuais e um nível de confiança de 95%. A pesquisa anterior em Angola foi realizada em 2019.

Principais conclusões

- A VBG encabeça a lista de questões de direitos das mulheres que os Angolanos dizem que o governo e a sociedade devem abordar.
- Para a maioria dos Angolanos (62%) a violência contra a mulher é um fenómeno “muito comum” (27%) ou “pouco comum” (35%) de ocorrer na sua comunidade.
- Mais de dois terços (69%) dos cidadãos consideram que “nunca é justificável” o homem usar força física para disciplinar a sua esposa. Dois em cada 10 consideram que “às vezes é justificável” (20%), enquanto (9%) dizem que é “sempre justificável”.
 - A rejeição da VBG é maior entre os mais escolarizados (83%), os residentes urbanos (76%) e as mulheres (73%).
- Cerca de metade (49%) dos Angolanos consideram “um pouco provável” ou “muito provável” que uma mulher que denuncie VBG seja criticada, assediada ou envergonhada por membros da comunidade.
 - A maioria (59%) dos cidadãos acredita ser plausível a polícia levar a sério as denúncias de casos de VBG.
- Dois terços (67%) dos Angolanos entende que a violência doméstica é um assunto de matéria criminal mais do que um assunto de fórum privado para ser resolvido em família.

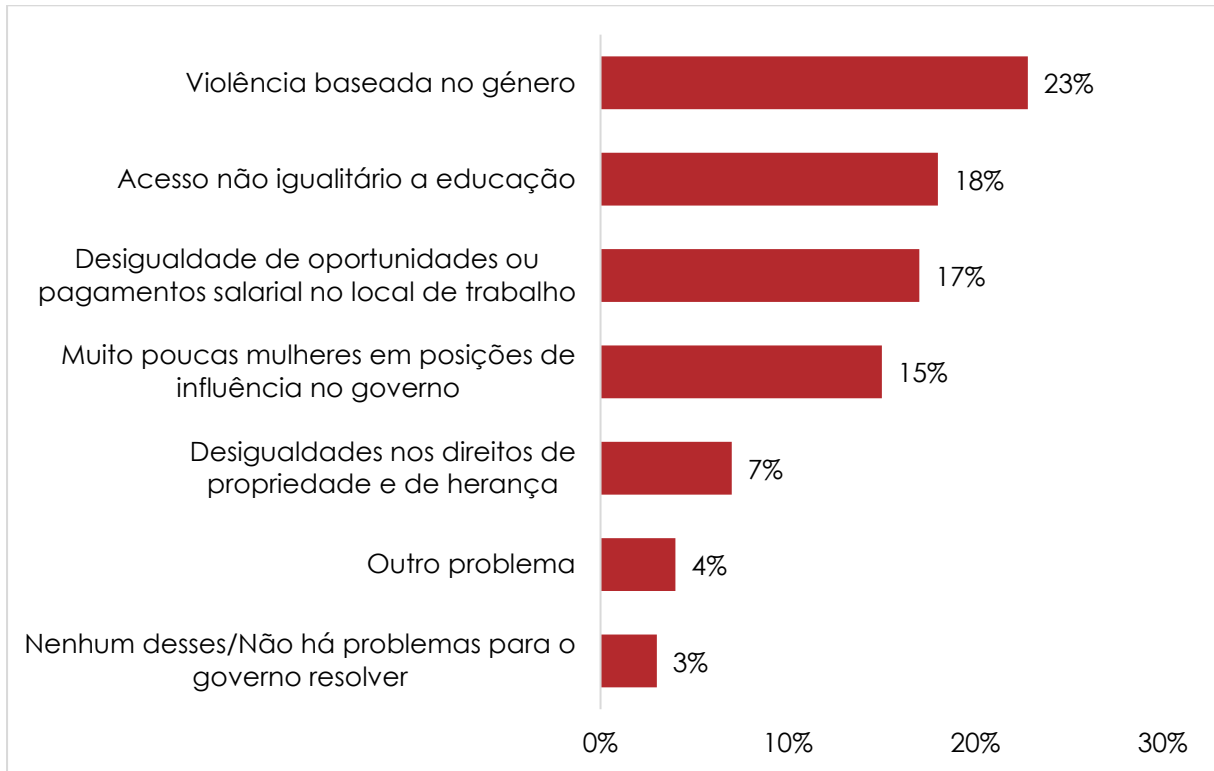
A violência baseada no género (VBG) é um assunto importante em Angola?

Em Angola, a VBG encabeça a lista de questões importantes dos direitos das mulheres que os cidadãos dizem que o governo e a sociedade devem abordar. Quase um quarto (23%) dos entrevistados citam a VBG como o principal desafio na luta pelos direitos das mulheres, seguido pelo acesso desigual à educação (18%), oportunidades ou salários desiguais no local de trabalho (17%), poucas mulheres em posições influentes no governo (15%) e os direitos desiguais de propriedade e herança (7%) (Figura 1).

Homens e mulheres têm opiniões quase idênticas sobre as questões mais importantes dos direitos das mulheres, exceto que os homens são menos propensos do que as mulheres a citar a falta de mulheres em cargos governamentais influentes como uma prioridade (12% contra 18%) (Figura 2).

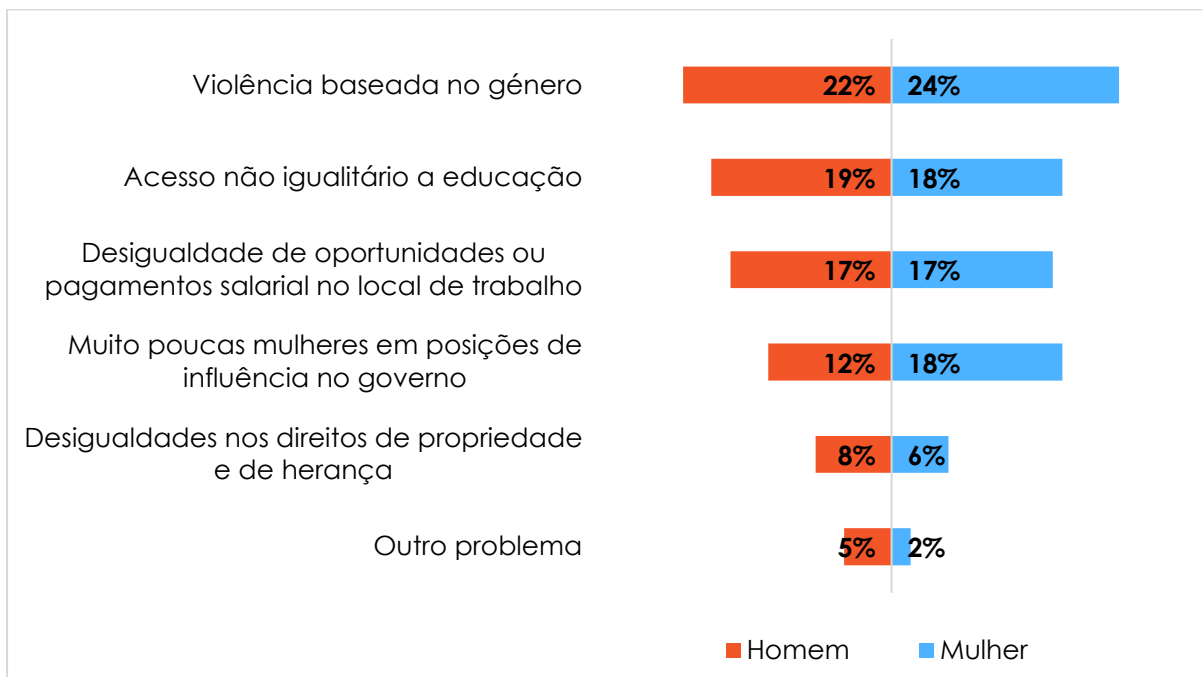
Faça sua própria análise dos dados da Afrobarometer – sobre qualquer questão, para qualquer país e rodada de inquérito. É fácil e gratuito em www.afrobarometer.org/online-data-analysis.

Figura 1: Problema de direitos das mulheres mais importante | Angola | 2022



Pergunta aos respondentes: Na sua opinião, qual dos problemas relacionados com os direitos das mulheres e igualdade você pensa que é o mais importante para o nosso governo resolver?

Figura 2: Maior preocupação para realização dos direitos das mulheres | por género | Angola | 2022

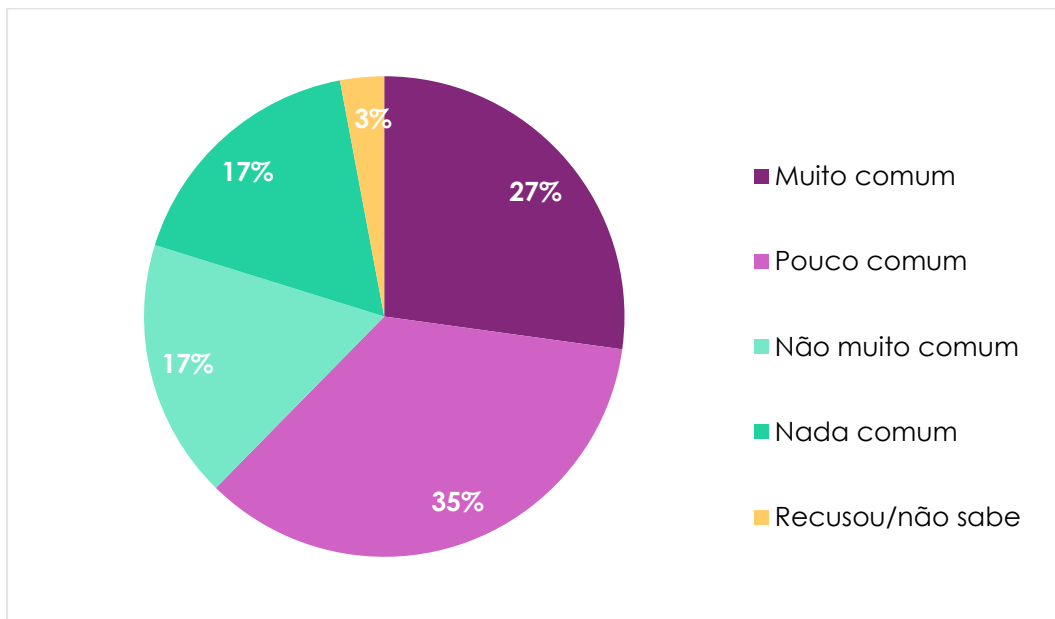


Pergunta aos respondentes: Na sua opinião, qual dos problemas relacionados com os direitos das mulheres e igualdade você pensa que é o mais importante para o nosso governo resolver?

Frequência de ocorrência de VBG

Uma das razões pelas quais a VBG é considerada um problema importante é provavelmente porque muitos Angolanos pensam que isso acontece com frequência: 62% dos entrevistados dizem que a violência contra mulheres e meninas é “um pouco comum” (35%) ou “muito comum” (27%) na sua comunidade (Figura 3).

Figura 3: Frequência de ocorrência de VBG | Angola | 2022



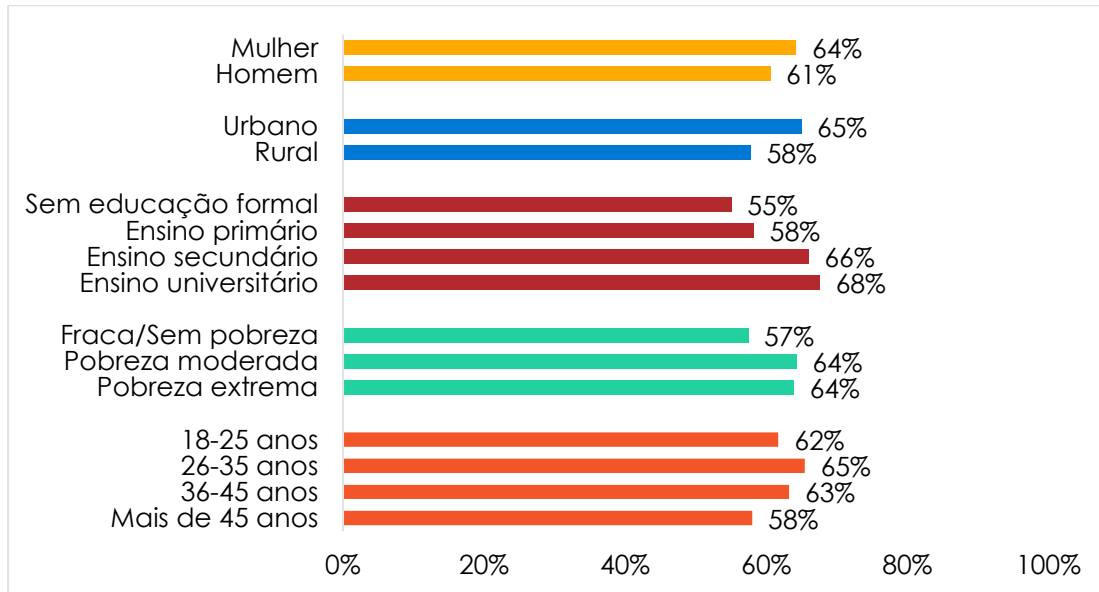
Pergunta aos respondentes: Nesta área, o quão comum você pensa que os homens agem com violência contra mulheres e meninas em casa ou na comunidade?

A percepção de que a violência contra as mulheres e as meninas é uma ocorrência comum é compartilhada pela maioria das mulheres e dos homens (64% vs. 61%) e é mais difundida nas cidades (65%) do que nas áreas rurais (58%) (Figura 4). Essa visão aumenta com o nível educacional dos entrevistados (variando de 55% entre aqueles sem escolaridade formal a 68% entre aqueles com ensino superior) e com a experiência de pobreza¹ vivida pelos entrevistados (variando de 57% entre os economicamente mais ricos a 64% entre aqueles que vivem em situação de pobreza moderada ou extrema).

Os entrevistados mais velhos (58%) são menos propensos a relatar que a VBG acontece com frequência.

¹ O Índice de Pobreza Vivida (LPI) do Afrobarometer mede os níveis de privação material dos entrevistados, perguntando com que frequência eles ou suas famílias ficaram sem necessidades básicas (comida suficiente, água suficiente, assistência médica, combustível suficiente para cozinhar e renda em dinheiro) durante o ano anterior. Para saber mais sobre a pobreza vivida, consulte Mattes (2020).

Figura 4: Frequência de ocorrência de VBG | por grupo socio-demográfico
| Angola | 2022

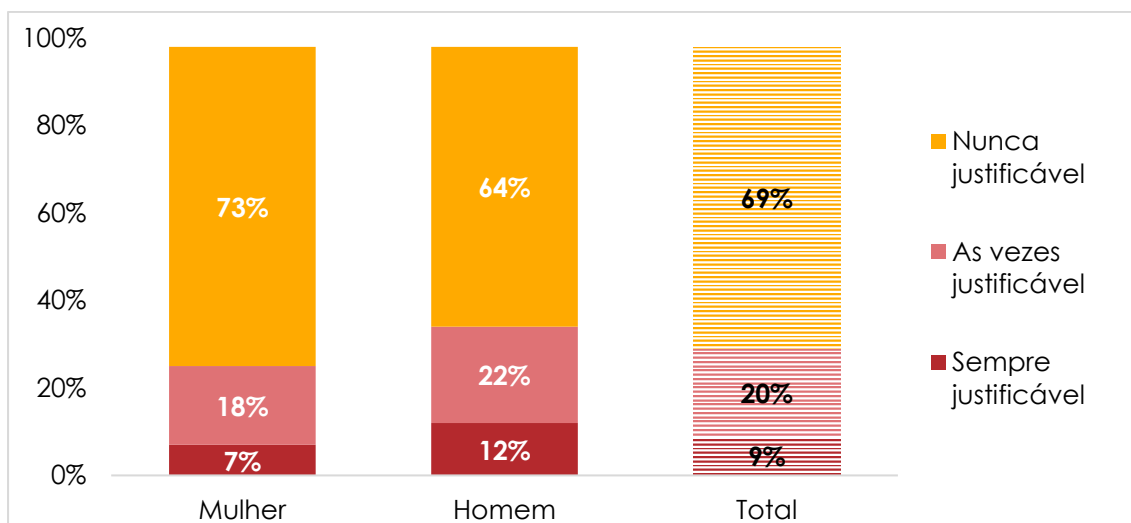


Pergunta aos respondentes: Nesta área, o quão comum você pensa que os homens agem com violência contra mulheres e meninas em casa ou na comunidade? (% que disse “pouco comum” ou “muito comum”)

O uso da força física pelo homem para disciplinar a esposa

Cerca de sete em cada 10 Angolanos (69%) diz que “nunca é justificável” um homem usar a força física para disciplinar a sua esposa. Três em cada 10 consideram “às vezes” (20%) ou “sempre” (9%) justificável. As mulheres são mais propensas do que os homens a descartar a disciplina física como “nunca justificável”, 73% contra 64% (Figura 5).

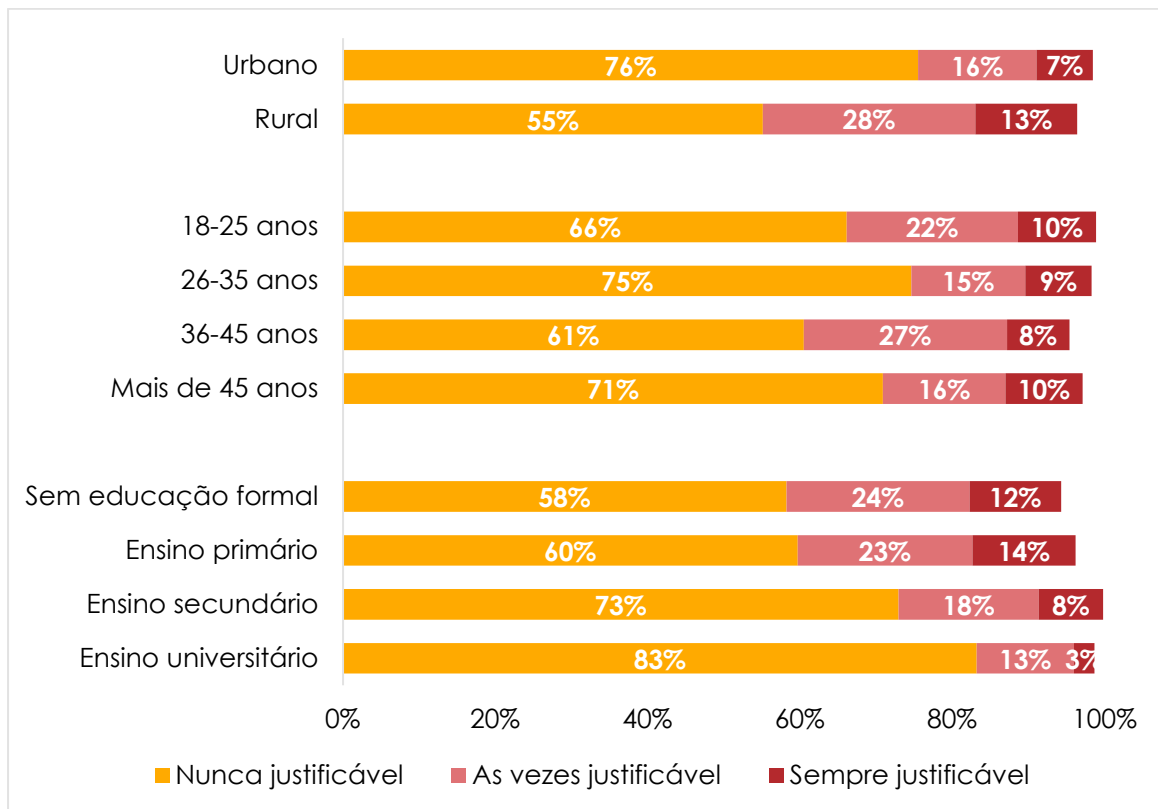
Figura 5: É justificável o uso da força física pelo homem para disciplinar a esposa?
| Angola | 2022



Pergunta aos respondentes: Para cada uma das seguintes ações, diga-me, por favor, se você pensa que pode ser sempre justificável, algumas vezes justificável, ou nunca justificável: Um homem usar força física para disciplinar a sua esposa se ela tiver feito alguma coisa que ele não goste ou pense que seja errado?

A visão de que os homens nunca têm justificação para disciplinar fisicamente as suas esposas é mais comum entre os residentes urbanos (76%) do que entre os residentes rurais (55%) e cresce significativamente com o nível de escolaridade dos entrevistados, variando de 58% daqueles sem escolaridade formal a 83% daqueles com qualificações universitárias (Figura 6).

Figura 6: É justificável o uso da força física pelo homem para disciplinar a esposa?
 | por grupo socio-demográfico | Angola | 2022



Pergunta aos respondentes: Para cada uma das seguintes ações, diga-me, por favor, se você pensa que pode ser sempre justificável, algumas vezes justificável, ou nunca justificável: Um homem usar força física para disciplinar a sua esposa se ela tiver feito alguma coisa que ele não goste ou pense que seja errado?

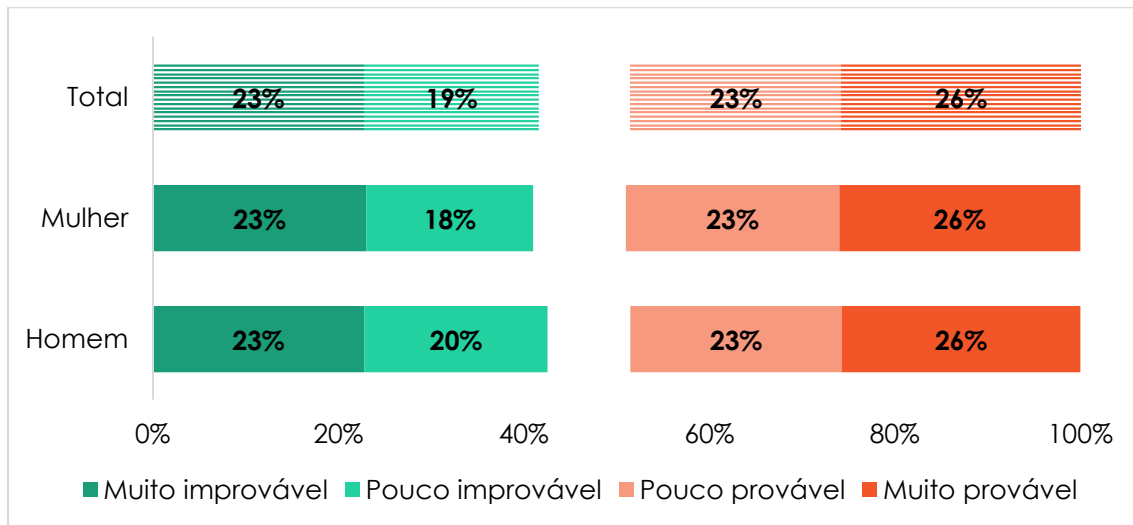
Resposta as denúncias de casos de VBG

A polícia e os estudiosos concordam que a verdadeira extensão da VBG é desconhecida porque muitos ataques a meninas e mulheres nunca são relatados. As razões incluem o medo do agressor, o medo de uma resposta negativa de outras pessoas e a crença de que as autoridades não levarão o caso a sério (Palermo, Bleck, & Peterman, 2014).

Questionados se acham que uma mulher que relata ter sido vítima de estupro, violência doméstica ou outro tipo de VBG será criticada, assediada ou envergonhada por outras pessoas da comunidade, menos de um quarto (23%) dos Angolanos diz que isso é “muito improvável” (Figura 7). Enquanto outros 19% consideram “um pouco improvável”, cerca de metade (49%) diz que é “um pouco provável” (23%) ou “muito provável” (26%).

A possibilidade de enfrentar críticas, assédio ou humilhação provavelmente tornaria ainda mais difícil para um sobrevivente de VBG denunciar tal crime às autoridades.

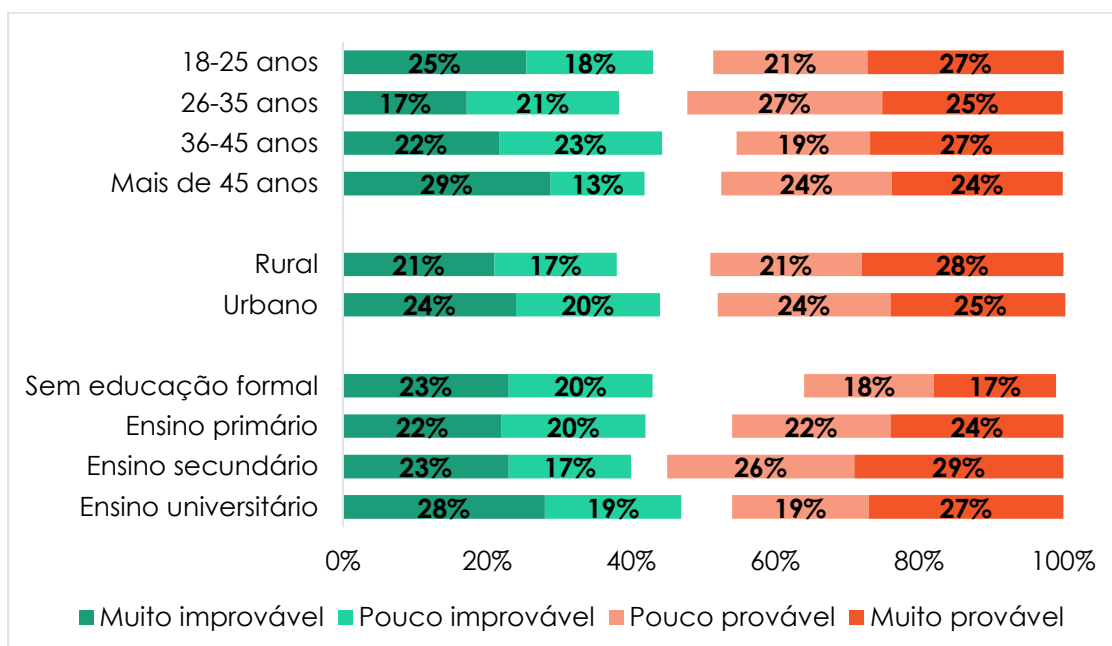
Figura 7: A mulher que denuncia VBG será criticada, assediada ou envergonhada?
 | por género | Angola | 2022



Pergunta aos respondentes: Se uma mulher na sua comunidade for a polícia denunciar que ela foi vítima de violência baseada no género, por exemplo, denunciar um estupro ou violência física perpetrada pelo esposo, qual a probabilidade de as seguintes coisas ocorrerem: Ela será criticada, assediada, ou envergonhada por outras pessoas na comunidade?

A percepção de que tais consequências negativas dificilmente ocorrerão é um pouco mais comum nas cidades (44%) do que nas áreas rurais (38%) e entre cidadãos com ensino superior (47%) do que entre aqueles com menor escolaridade (40%- 43%) (Figura 8)

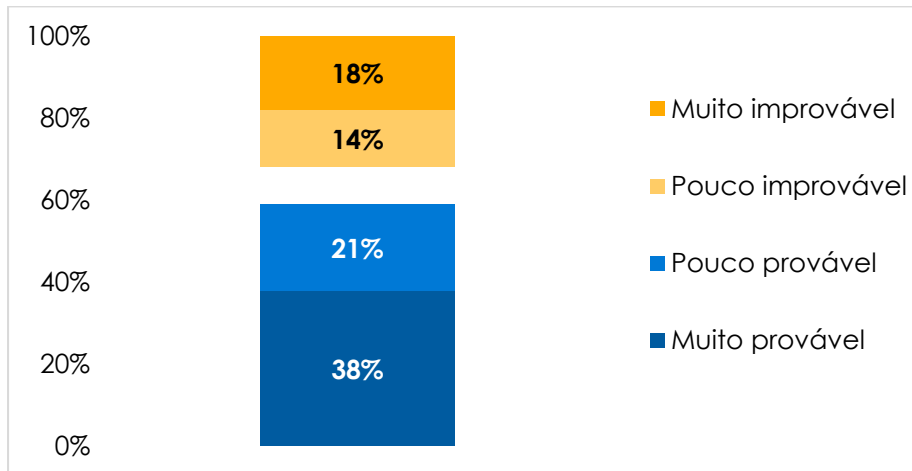
Figura 8: A mulher que denuncia VBG será criticada, assediada ou envergonhada?
 | por grupo socio-demográfico | Angola | 2022



Pergunta aos respondentes: Se uma mulher na sua comunidade for a polícia denunciar que ela foi vítima de violência baseada no género, por exemplo, denunciar um estupro ou violência física perpetrada pelo esposo, qual a probabilidade de as seguintes coisas ocorrerem: Ela será criticada, assediada, ou envergonhada por outras pessoas na comunidade?

Apesar das expectativas contraditórias sobre a resposta da comunidade, a maioria (59%) dos Angolanos acredita que a polícia levará a sério os casos relatados de VBG. Ainda assim, cerca de um terço (32%) dos cidadãos considera isso improvável (Figura 9).

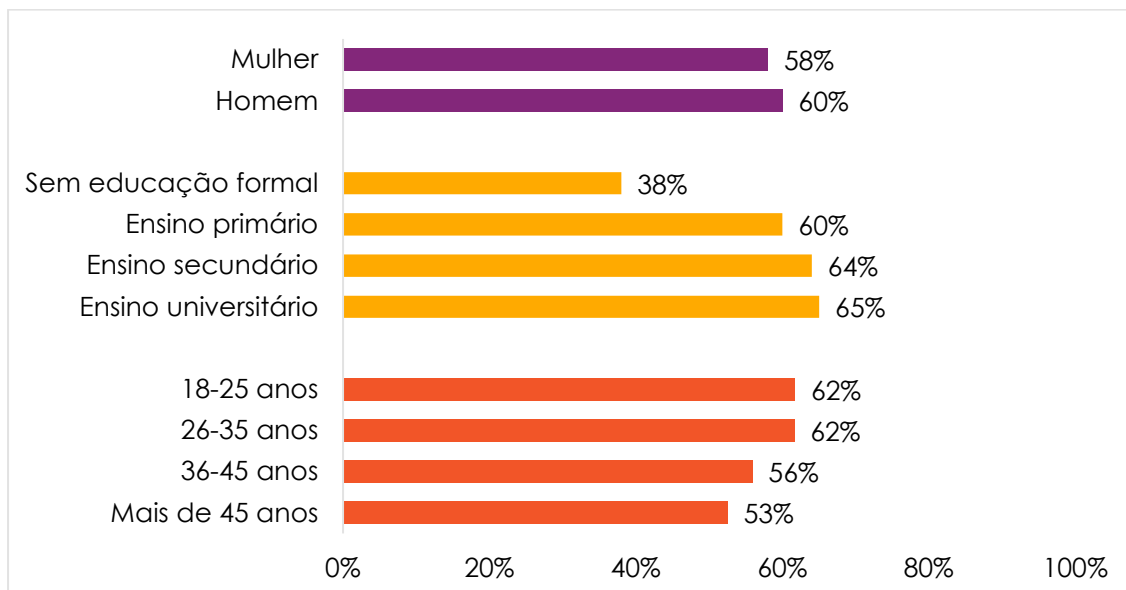
Figura 9: A polícia tratará os casos de VBG com seriedade? | Angola | 2022



Pergunta aos respondentes: Se uma mulher na sua comunidade for a polícia denunciar que ela foi vítima de violência baseada no género, por exemplo, denunciar um estupro ou violência física perpetrada pelo esposo, qual a probabilidade de as seguintes coisas ocorrerem: A polícia tratará do seu caso com seriedade?

Embora as mulheres e os homens tenham opiniões semelhantes sobre esta questão, os cidadãos sem escolaridade formal têm muito menos probabilidade de expressar confiança na resposta da polícia (38%) do que os seus homólogos com pelo menos o ensino primário (60%-65%) (Figura 10).

Figura 10: A polícia tratará os casos de VBG com seriedade? | por grupo socio-demográfico | Angola | 2022



Pergunta aos respondentes: Se uma mulher na sua comunidade for a polícia denunciar que ela foi vítima de violência baseada no género, por exemplo, denunciar um estupro ou violência física perpetrada pelo esposo, qual a probabilidade de as seguintes coisas ocorrerem: A polícia tratará do seu caso com seriedade? (% que disse "pouco provável" ou "muito provável")

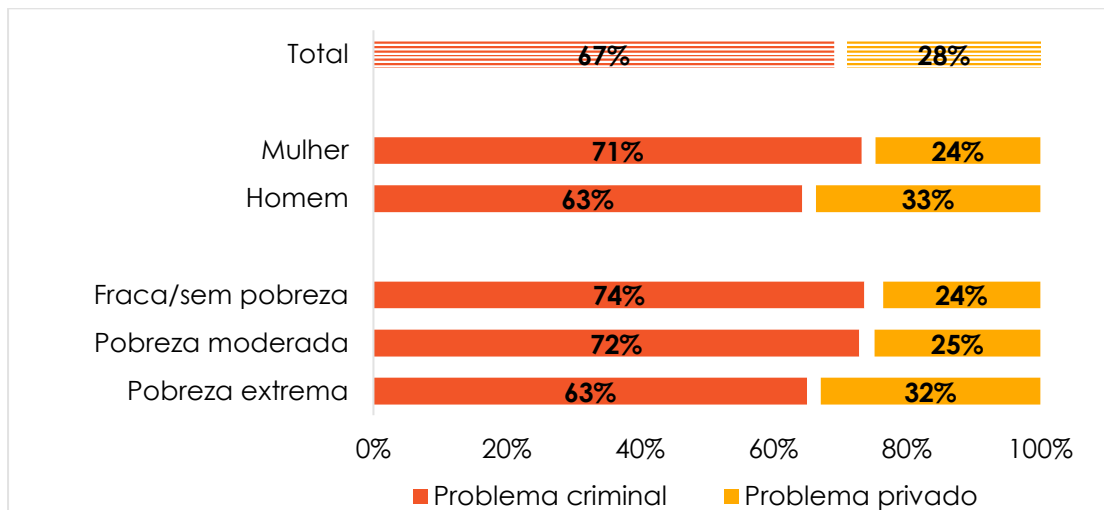
A violência doméstica é um assunto de carácter criminal ou familiar?

Uma forma comum de VBG é a violência doméstica. Mesmo que os perpetradores sejam conhecidos, muitos casos de violência doméstica não são relatados ou resolvidos e muitas vezes apresentam às vítimas e famílias decisões complexas e dolorosas. Os Angolanos encaram a violência doméstica como um assunto criminal ou um assunto privado?

Dois terços (67%) dos Angolanos dizem que a violência doméstica é um assunto criminal que requer o envolvimento dos agentes da lei, enquanto 28% a consideram um assunto privado que deve ser tratado no seio da família (Figura 11).

As mulheres são mais propensas do que os homens a ver a violência doméstica como uma questão criminal, 71% contra 63%. Os entrevistados mais pobres têm menos probabilidade de concordar que a violência doméstica é uma questão criminal (63%, contra 72%-74%) de seus concidadãos mais ricos.

Figura 11: A violência doméstica é um assunto criminal ou doméstico? | por género e nível de pobreza | Angola | 2022



Pergunta aos respondentes: Qual das seguintes afirmações está mais próxima do seu ponto de vista?
 Afirmação 1: Violência doméstica é um assunto privado que precisa ser resolvido dentro da família.
 Afirmação 2: Violência doméstica é um assunto criminal cuja resolução completa requer o envolvimento dos agentes legais.
 (% que "concorda" ou "concorda fortemente" com cada uma das afirmações)

Conclusão

Os Angolanos consideram a violência de género um problema sério que precisa de atenção urgente do governo e da sociedade. Os cidadãos não apenas dizem que é uma ocorrência comum, mas muitos também acreditam que uma mulher que relata ser vítima de VBG será criticada, assediada ou envergonhada por outras pessoas na sua comunidade.

As atitudes dos cidadãos fornecem uma base sólida para a ação contra a VBG: A maioria diz que o uso de força física contra as mulheres nunca é justificado, que a violência doméstica é um problema criminal que requer o envolvimento das instituições responsáveis pela aplicação da lei e que é bastante provável a polícia levar a sério as denúncias ou relatos de casos de VBG.

Referências

- Instituto Nacional de Estatística. (2017). Inquérito de indicadores múltiplos e de saúde (IIMS) 2015-2016: Relatório final.
- Lourenço, J. M. G. (2022). Discurso sobre o estado da nação. YouTube.
- Mattes, R. (2020). Lived poverty on the rise: Decade of living-standard gains ends in Africa. Afrobarometer Policy Paper No. 62.
- Nações Unidas. (1979). Convention on the elimination of all forms of discrimination against women.
- Palermo, T., Bleck, J., & Peterman, A. (2014). Tip of the iceberg: Reporting and gender-based violence in developing countries. *American Journal of Epidemiology*, 179(5), 602-612.
- União Africana. (2003). The protocol to the African charter on human and peoples' rights on the rights of women in Africa.

Cecília Kitombe é directora de comunicação e advocacia social da ADRA – Acção para o Desenvolvimento Rural e Ambiente. Email: maiajose1985@gmail.com.

Carlos Pacatolo é director de pesquisa da Ovilongwa – Estudos de Opinião Pública, parceira nacional do Afrobarometer em Angola. Email: pacatolo@yahoo.com.br.

O Afrobarometer, uma organização sem fins lucrativos com sede no Gana, é uma rede de pesquisa pan-africana e apartidária. A coordenação regional dos parceiros nacionais em cerca de 35 países é fornecida pelo Ghana Center for Democratic Development (CDD-Gana), pelo Institute for Justice and Reconciliation (IJR) na África do Sul e pelo Institute for Development Studies (IDS) da University of Nairobi no Kenya. A Michigan State University (MSU) e a University of Cape Town (UCT) fornecem suporte técnico à rede.

O apoio financeiro para o Afrobarometer é fornecido pela Suécia por meio da Agência Sueca de Cooperação para o Desenvolvimento Internacional, da Agência dos EUA para o Desenvolvimento Internacional (USAID) por meio do Instituto de Paz dos EUA, da Fundação Mo Ibrahim, da Open Society Foundations, da Fundação Bill & Melinda Gates, da William and Flora Hewlett Foundation, da União Europeia, do National Endowment for Democracy, da Mastercard Foundation, do Japan International Cooperation Agency, da Konrad Adenauer Foundation, da University of California San Diego, da Global Center for Pluralism, do World Bank Group, da Freedom House, da Embaixada do Reino dos Países Baixos em Uganda, do GIZ e da Humanity United.

As doações ajudam o Afrobarometer a dar voz aos cidadãos africanos. Considere fazer uma contribuição (em www.afrobarometer.org) ou entre em contato com Felix Biga (felixbiga@afrobarometer.org) ou Runyararo Munetsi (runyararo@afrobarometer.org) para discutir o financiamento institucional.

Follow our releases on #VoicesAfrica.



Afrobarometer Edição No. 586 | 5 de XX Janeiro de 2023